

Senado aprova Galípolo para a presidência do BC a partir de 2025

Senado aprova Gabriel Galípolo para comandar o BC com placar mais folgado em ao menos 25 anos

Indicado por Lula recebe 66 votos a favor e 5 contra e sucederá Roberto Campos Neto a partir de janeiro para um mandato de 4 anos com a missão de conquistar confiança do mercado, que teme leniência no combate à inflação

Nathalia Garcia e Thaisa Oliveira

BRASÍLIA O Senado aprovou nesta terça (8) o nome de Gabriel Galípolo para o cargo de presidente do Banco Central, na primeira troca de comando desde que a autonomia da autoridade monetária entrou em vigor, em 2021.

Indicado pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Galípolo recebeu 66 votos a favor e 5 contra no plenário, em votação secreta. Não houve abstenções. É o placar com maior folga no plenário para uma indicação à presidência do BC ao menos desde 1999, ano do início do regime de metas de inflação. O recordista anterior era Roberto Campos Neto, que em 2019 obteve 55 votos favoráveis e 6 contrários.

Mais cedo, ele foi aprovado por unanimidade na CAE (Comissão de Assuntos Econômicos), com 26 votos favoráveis, após quase quatro horas de sabatina.

Sem falar com a imprensa e com forte esquema de segurança, Galípolo deixou a Casa logo após sua participação na comissão e não esteve presente na votação decisiva no plenário. Ele terá um mandato de quatro anos na chefia do BC, entre 2025 e 2028.

O Senado agora precisa comunicar sua decisão ao Executivo, que publicará o decreto de nomeação do novo presidente. O último passo é a posse no BC. Por ora, não há estimativa de prazo para a conclusão do rito.

O mandato do atual presidente da instituição, Roberto Campos Neto, termina em 31 de dezembro. Até o fim do ano, haverá um processo de transição de comando na instituição.

Relação com Lula

Na sabatina, Galípolo afirmou que o presidente garantiu a liberdade para a tomada de decisões à frente do cargo, privilegiando o interesse do povo brasileiro.

"Toda vez que me foi concedida a oportunidade de encontrar o presidente Lula, eu escutei de forma enfática e clara a garantia da liberdade na tomada de decisões, e [escutei] que o desempenho da função deve ser orientado exclusivamente pelo compromisso com o povo brasileiro", afirmou. "Que cada ação e decisão deve unicamente ao interesse do bem-estar de cada brasileiro."

Galípolo também ressaltou aos senadores que, ao longo de sua passagem pelo BC, já subiu, cortou e manteve estável a taxa básica de juros (Selic) e voltou a dizer que em momento algum sofreu pressão de Lula em suas decisões.

Autonomia do BC

Questionado sobre a autonomia do BC, que entrou em vigor no mandato de Campos Neto, em 2021, Galípolo disse que o tema



Gabriel Galípolo recebe abraço de Randolfe Rodrigues (PT-AP) na CAE do Senado. Gabriela Blió/Folhapress

gera um "debate acalorado" e que é preciso ressignificar a questão.

"As metas e os objetivos estabelecidos ao Banco Central são estabelecidos pelo poder democraticamente eleito. [...] Cabe ao Banco Central e à sua diretoria perseguir esta meta", afirmou.

"E de maneira nenhuma a ideia de autonomia deve passar uma ideia de que o Banco Central vai se insular e virar as costas ao poder democraticamente eleito, não se trata disso."

Para ele, o processo tem se dado de maneira "bastante estável", em parte porque o BC não ultrapassa o limite de suas atribuições. Sob esse argumento, evitou tecer comentários sobre a atuação da Receita Federal e da Petrobras, por exemplo.

Roberto Campos Neto

Galípolo enfatizou aos senadores ter um bom relacionamento com Campos Neto e fez um mea-culpa por não ter colaborado mais para que a relação do atual presidente do BC com o Executivo fosse melhor. Campos Neto foi alvo recorrente de críticas de Lula.

"Eu sinto que gerei, talvez, uma grande frustração na expectativa que existia de que, ao entrar no BC, fosse começar um grande reality show, com grandes disputas e brigas ali dentro. Infelizmente, tenho uma informação chata para dar para todos: a minha relação com o presidente é a melhor possível, com o presidente Lula e com o presidente Roberto", disse.

"Até me ressinto, faço uma mea-culpa aqui, gostaria de ter colaborado para que essa relação entre o Banco Central e o próprio governo Executivo fosse melhor ainda do que ela tem sido. [Do ponto de vista] institucional tem sido perfeita, acho que não tem tido nada, nenhum tipo de influência", completou.

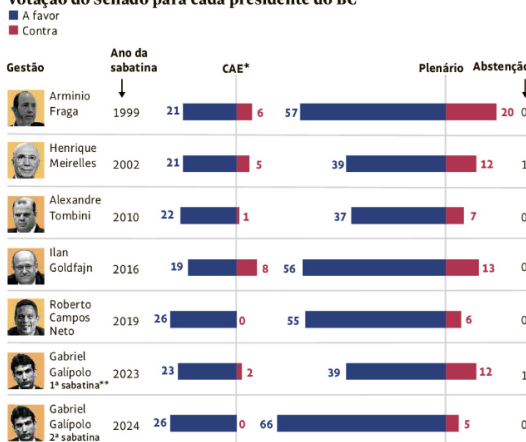
Apesar dos questionamentos, Galípolo foi poupado e até elogiado pelos parlamentares da oposição, que direcionaram as críticas à atuação do governo Lula.

Meta de inflação

No comando do BC, Galípolo terá a missão de conquistar a confiança do mercado financeiro, que teme um BC leniente no combate à inflação em 2025, quando o Copom (Comitê de Política Monetária) terá maioria dos integrantes indicados pelo petista.

Em maio, um racha no colegiado do BC provocou ruídos com o mercado e, desde então, os membros da cúpula tentam mostrar coesão. Na reunião mais recente do Copom, em setembro, Galípolo votou alinhado ao atual chefe da autoridade monetária em uma decisão unânime por um aumento de 0,25 ponto percentual na Selic, de 10,5% para 10,75% ao ano.

Votação do Senado para cada presidente do BC



*Comissão de Assuntos Econômicos. **Diretoria de Política Monetária do BC. Fonte: Senado Federal

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 23